

## **As reconfigurações cinematográficas: a linguagem documental no filme Nomadland<sup>1</sup>**

Juan da Silva LESSA<sup>2</sup>

Graduando

Fábio Bitencourt CADORIN<sup>3</sup>

Doutor

Universidade Veiga de Almeida, Cabo Frio, RJ

### **Resumo**

Este artigo analisa a presença da linguagem documental no filme “Nomadland”, com direção de Chloé Zhao (2020) e vencedor do Oscar 2021. O longa conta a história de Fern (Frances McDormand), uma mulher de 60 anos de idade que, após um colapso econômico em uma cidade na zona rural de Nevada, nos Estados Unidos, passa a viver como uma nômade moderna pelas estradas junto à sua van. O objetivo principal do estudo é identificar pontos da linguagem documental, presente em documentários, através da análise de cenas do longa-metragem. O artigo parte de uma pesquisa qualitativa e, para exemplificar e esclarecer as características documentais, utiliza o procedimento de análise de conteúdo. Entende que o filme possui características pontuais dos documentários, mesmo sendo um filme de ficção.

**Palavras-chave:** História das Mídias Audiovisuais; Cinema; Documentário; Inovação; Século XXI.

### **Introdução**

De acordo com André Lemos (2003), a reconfiguração enquadra-se como um dos princípios da Cibercultura, que, segundo o autor, é a “cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”. As tecnologias digitais estão atualmente inseridas nos mais diversos campos sociais, modelos midiáticos e instrumentos desses meios. Lemos diz que “a cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna”, ou seja, do desenvolvimento das tecnologias, principalmente digitais, presentes nos diversos instrumentos utilizados pelos indivíduos em suas áreas do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Graduação em Jornalismo da UVA, Juan da Silva Lessa email: juan.lessa@outlook.com

<sup>3</sup> Doutor. Professor dos cursos de comunicação social da UVA, Fábio Bitencourt Cadorin email: fabio.cadorin@uva.br

A reconfiguração, caracterizada pelo autor como a primeira lei da cibercultura, trata-se da atualização de “práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes”. Ao longo do tempo, conforme as condições tecnológicas foram se aprimorando, os meios foram também encontrando novas formas de se expressar dentro de suas áreas de atuação. No entanto, de forma alguma esses meios e seus modos de execução são extinguidos. “Devemos evitar a lógica da substituição ou do aniquilamento” (LEMOS, 2003). Assim, por mais que venham a surgir reconfigurações e inovações, os antigos modelos ainda permanecem ativos e em funcionamento.

Relacionando com o tema central da pesquisa, é possível citar o cinema como um exemplo de modalidade midiática atingida por essa reconfiguração. Segundo Alessandro Reina (2019), “é difícil definir o que é cinema devido ao seu uso no decorrer da história: inicialmente como entretenimento, depois como um negócio da indústria, mais tarde como ferramenta ideológica e, por último, como arte”. Dá-se a entender que o cinema se manteve em constantes reconfigurações e inovações ao longo de sua história, tanto tecnicamente quanto como produto da indústria cultural. “O cinema guarda em si inúmeras faces, que são também marcas de sua história, vez que seu uso também alterna-se dependendo do período e do contexto histórico vividos” (REINA, 2019). Nota-se que não se trata apenas de mudanças nos modos de execução, embora estas sejam principais nesta pesquisa, mas também no que tange ao seu papel na sociedade.

A prática cinematográfica, assim como outras práticas midiáticas, passou também pela sua fase analógica. No início, quando os irmãos Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948) passaram a se interessar pelo campo, os filmes produzidos por eles eram curtos e representavam cenas do cotidiano. Tem-se como exemplo o filme *A chegada do trem na estação Ciotat* (1895), primeiro a ser exibido ao público. O filme possui um minuto de duração e retrata nada mais que “a cena de um trem chegando a uma estação” (REINA, 2019). A imagem foi captada pelos irmãos Lumière através do cinematógrafo<sup>4</sup>, “aparelho que filma e reproduz as imagens filmadas”, bem diferente das câmeras digitais utilizadas hoje em dia nas grandes produções Hollywoodianas. Sem contar que o aparelho era pesado e de difícil locomoção, o que dificultava o processo de captação de imagens.

---

<sup>4</sup> O recurso (ilusão de movimento) desses primeiros objetos pode ser considerado uma espécie de animação primitiva (REINA, 2019, p. 24).

O esforço da popularização e a estratégia de fazer dessa invenção uma atração pública de baixo custo contribuiu para que o cinema fosse aceito e adorado pela maioria das pessoas, as quais se encantavam a cada mostra com as imagens em movimento sobre a tela. A partir de 1895, começaram a ser realizados muitos filmes, possibilitando ao público uma grande variedade no campo do entretenimento (REINA, 2019, p. 26).

Os filmes deixaram de retratar apenas cenas do cotidiano quando George Méliès (1861-1938) entrou em ação com a produção do filme *Viagem à Lua* (1902). O filme, com quatorze minutos de duração, retrata a história de alguns cientistas que migraram para a lua, encontrando lá seres alienígenas como habitantes. De acordo com Reina, esse filme “foi o primeiro a construir, ainda que primitivamente, o que chamamos de narrativa fílmica” - termo que será abordado mais a diante. Desta forma, encontra-se aqui uma primeira reconfiguração importante presente na história do cinema. “O cineasta estava não apenas criando um filme com uma narrativa, mas inaugurando uma nova forma de fazer filmes que não se limitavam a imagens do cotidiano e, assim, criando um novo gênero: o de ficção científica” (REINA, 2019, p. 29).

O cinema obteve importantes reconfigurações no que se refere às técnicas e métodos de produção dos filmes. É o que evidencia a montagem e a consequente narrativa fílmica. Segundo Reina, em um filme, “a técnica de unir diferentes imagens em um todo é o que se define por montagem”. Hoje, entende-se essa prática como edição, na qual o editor, junto com o diretor, executa a junção dos trechos gravados, realocando cenas e frames importantes e desenvolvendo a história. “Ela permite unir os fragmentos de imagem dando uma ideia de continuidade e linearidade, criando uma história” (REINA, 2019, p. 33). Para o autor, essa história, produzida através da união linear das imagens, cria o que no cinema é conhecido como narrativa fílmica. “A narrativa fílmica é a condição essencial para se pensar uma linguagem do cinema” (REINA, 2019, p. 34).

Outro aspecto importante foi o surgimento dos filmes caracterizados como longas-metragens. Até então os filmes possuíam curta duração. Hoje em dia, boa parte dos filmes produzidos tem mais de 60 minutos, sendo caracterizados como longas. De acordo com Reina (2019, p. 33), “a criação dos longas-metragens permitiu um tratamento minucioso do enredo, uma atenção especial com efeitos e maquiagem, enfim, a criação de um clima em que a realidade pudesse ser imitada e reproduzida”. Evidencia-se aqui mais uma importante inovação na história do cinema, o desenvolvimento dos filmes realistas e detalhistas.

A comercialização e a transformação dos filmes em produtos promoveram o aperfeiçoamento das produções, que perderam seu aspecto de curta duração e passaram a ter mais de 60 minutos – foram criados assim os longas-metragens. Um dos filmes pioneiros na introdução de novas técnicas, como exemplificamos, foi o polêmico *O nascimento de uma nação* (1915), que levou às telas um filme com mais de três horas de duração que renderia muita discussão entre os amantes de cinema (REINA, 2019, p. 40).

Essas são apenas algumas das principais inovações na história do cinema, que estão até hoje presentes nas obras cinematográficas. Outras reformulações essenciais, como o surgimento do som e das cores, são também importantes aspectos a serem destacados. No início, o cinema era mudo e monocromático, contando apenas com a atuação dos atores e imagens em preto e branco. O primeiro filme totalmente falado data de 1927, conhecido como *O cantor de Jazz*, de Alan Crosland. Já o primeiro filme com imagens coloridas data de 1902, desenvolvido como uma experiência pelo inglês Edward Raymond Turner. Uma curiosidade é que ele só foi descoberto 110 anos depois. De acordo com o portal G1 (2012), “o filme mostra os filhos de Turner, soldados marchando e aves domésticas, entre outras cenas banais”. Atualmente vê-se uma infinidade de filmes com as mais diversas paletas de cores e efeitos sonoros, tudo graças às evoluções tecnológicas e ao aprimoramento das práticas cinematográficas e seus recursos.

Não obstante, é possível perceber inovações no cenário contemporâneo. Com filmes cada vez mais sofisticados e a diversificação de técnicas de produção e reprodução, observa-se o cinema em processos de atualização mediante as novas demandas sociais e mercadológicas. No que tange ao objeto de estudo desta pesquisa, percebemos uma inovação em sua montagem e consequente narrativa fílmica, devido à captação de imagens diferenciada das comumente usadas em filmes caracterizados como ficcionais. *Nomadland* (2020) possui em seu repertório cenas que dialogam muito com a linguagem documental, recorrente nos filmes documentários, que será abordada no próximo tópico deste artigo.

A ficção nos faz relacionar o que ouvimos com um mundo imaginário, mas em geral conhecido. O documentário fala de forma direta, nos faz prestar atenção, trata quase sempre do mundo real, nos obriga a tomar posições. O ritmo é ditado pela fala, a câmera se localiza em um tempo/espaço específico (LUCENA, 2012, p. 11).

No tocante à metodologia, será realizada uma análise de conteúdo de filme. Este método mostra-se pertinente uma vez que consistirá numa investigação do objeto específico da pesquisa, o filme *Nomadland* (2020), dirigido por Chloé Zhao, com o intuito de evidenciar a linguagem documental no longa-metragem, conforme proposto nos objetivos do trabalho. Foram selecionadas seis cenas do filme, que foram subdivididas entre três categorias formuladas pelo autor: **Interação com ambientes reais**; **Interação com personalidades reais** e **Interação com relatos verídicos**. Cada categoria recebeu duas cenas, que serão analisadas tendo como parâmetro os autores e suas bibliografias. Assim, buscou-se identificar e caracterizar a linguagem específica de um filme de não ficção presente em um filme de ficção.

## **O documentário e sua linguagem**

O capítulo anterior esclareceu algumas das inovações e atualizações que a linguagem cinematográfica viveu ao longo de sua história, passando pelos seus primórdios e chegando até os dias atuais. A linguagem cinematográfica, marcada pela montagem e narrativa fílmica, é responsável pela construção da história e o seu desenvolver. No entanto, quando se pensa em documentários, existem algumas diferenças cruciais neste processo. A criação e o desenvolvimento de um documentário, bem como sua narrativa fílmica, diferem de um filme ficcional. Para entender melhor essa divergência, faz-se necessário aprimorar os conhecimentos sobre esse estilo de filme.

Os documentários atendem a uma demanda interessante dentro da perspectiva cinematográfica ao terem como principal objetivo mobilizar a reflexão do espectador sobre temas importantes de um contexto sociocultural bastante específico. O documentário possibilita a edificação de uma crítica dirigida, no sentido de inscrever um prisma diferente do exposto pela mídia televisiva, por exemplo. Na história do cinema mundial, muitos diretores se destacaram ao utilizar o documentário como uma ferramenta importante de construção da crítica social (REINA, 2019, p. 173).

De acordo com Luiz Carlos Lucena (2012), “documentar com uma câmera é o primeiro ato cinematográfico, presente nos registros iniciais dessa arte, feitos pelos irmãos Lumière”. O autor afirma que, apesar de existir uma diferença entre os dois tipos de filme, ficcional e não ficcional, ambos são frutos do ato de documentar com uma câmera. “A

linguagem cinematográfica nasceu com aspecto documental, com a aplicação dos princípios da câmera fotográfica a imagens em movimento” (LUCENA, 2012, p. 8). No princípio, as câmeras eram bem diferentes das que observamos atualmente.

As primeiras “vistas animadas”, projetadas em 1895 pelos irmãos Lumière no Café Paris, eram cenas do cotidiano, cenas que os pioneiros gravaram com uma revolucionária câmera que registrava em 24 quadros por segundo o que acontecia a sua frente. A câmera era pesada, não permitia nenhum movimento. Assim, os irmãos empresários e cineastas abriram a sessão com o filme A saída da fábrica, nada mais do que o registro de um grupo de funcionários deixando as instalações do prédio onde funcionava a empresa da família (LUCENA, 2012, p. 8).

Apesar de possuírem o ponto de partida em comum, existem diferenças consideráveis que fazem do documentário um estilo de filme singular e autêntico. O documentário se trata de um filme não ficcional. De acordo com Lucena (2012), “o documentário fala de forma direta, nos faz prestar atenção, trata quase sempre do mundo real, nos obriga a tomar posições”. Na maioria das vezes, esses filmes trazem temáticas que exigem um posicionamento por parte do espectador, isso porque suas temáticas são quase sempre fundadas em situações de apelo social. O autor caracteriza ainda que, no documentário, “o ritmo é ditado pela fala, a câmera se localiza em um tempo/espaço específico”. Ou seja, o documentário é um filme que trata da realidade, sendo ela captada pela câmera, não passando por cenários montados e idealizados, atores ensaiados ou qualquer efeito especial que venha a alterar essa realidade. “A ficção nos faz relacionar o que ouvimos com um mundo imaginário, mas em geral conhecido” (LUCENA, 2012, p. 11). Estas são algumas das principais diferenças entre os dois gêneros.

O documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios “sujeitos” da ação [...] O filme de ficção, por sua vez, tem sua construção condicionada a um roteiro predeterminado, cuja base é composta de personagens ficcionais ou reais, os quais são interpretados por atores. Esses papéis são especificados nos scripts, que normalmente recorrem a fórmulas consagradas, tendo como principal objetivo o entretenimento do espectador. Já o documentário, realizado com “sujeitos” do mundo real, procura informar o espectador, sem se preocupar com o entretenimento (LUCENA, 2012, p. 9).

Compreende-se então que o documentário possui como base a realidade, tendo como integrantes de suas histórias pessoas reais e não personagens fictícios. Ele fornece ao espectador uma visão ampla do que acontece na vida real, evidenciando situações e dilemas enfrentados por diversos indivíduos em suas vivências e localizações geográficas. Entretanto, é importante salientar que os documentários, apesar de terem a realidade como sua base, não a expressam em sua totalidade. De acordo com Reina (2019), “o documentário é sempre uma versão parcial dos fatos a respeito de determinada realidade. Parcial, pois coloca na obra fílmica não apenas a visão de entrevistados ou de uma história, mas também a visão dos realizadores” (REINA, 2019, p. 169). Assim, participam também da narrativa os profissionais que os produzem. Diretores e editores estão interligados na visão que será propagada na história contada no filme.

Em síntese, o documentário é um tipo de filme não ficcional que tem por premissa manter um compromisso com a realidade dos fatos. Porém, ele não pode (nem deve), ser considerado uma representação fiel da realidade, pois, assim como os filmes ficcionais, está submetido às mesmas regras de construção, principalmente relacionadas à montagem e edição, que, como já comentamos, delimitam o sentido da obra fílmica (REINA, 2019, p. 169).

No tocante à parte técnica, os documentários possuem alguns processos semelhantes aos dos filmes ficcionais. São alguns exemplos a elaboração de uma ideia, a execução do roteiro, a captação de imagens internas e externas e a edição. Lucena (2012, p. 12) esclarece algumas dessas características, entretanto, afirma que “o documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é verdade no documentário –,

envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção (LUCENA, 2012, p. 12).

Outro aspecto importante percebido pelos autores, e fundamental para o entendimento deste artigo, são os avanços que os filmes, não ficcionais ou ficcionais, vêm enfrentando ao

longo dos anos com as reformulações implementadas em suas narrativas. Quando se pensa em documentários, nota-se a quantidade variada desses filmes existentes nas plataformas de streaming, por exemplo, possuindo as mais diversas formatações, tanto no que tange à edição quanto na apresentação do produto final. Algo comum hoje em dia são os documentários seriados, compostos não apenas por um único filme, mas por diversos episódios que, ou dividem a história em capítulos específicos – dando ênfase separadamente a cada um deles – , ou abordam diversas temáticas sem necessariamente uma relação entre si.

Um exemplo do primeiro caso citado no parágrafo anterior é “A corrida das vacinas” (2021), produzido pela plataforma de streaming Globoplay, que contém seis episódios com uma hora de duração abordando o tema da produção das vacinas. Para o segundo caso, têm-se a série de documentários “Seguindo os fatos” (2018), produzida por jornalistas da BuzzFeed e presente na Netflix. Nesse, uma série de temáticas é abordada em diferentes episódios (sete no total) com cerca de quinze minutos.

O que se vê também são os filmes de ficção agregando em seus repertórios traços nativos da linguagem dos filmes documentais. Lucena (2012, p. 12) diz que “nos últimos anos, essas duas categorias têm se misturado mais e mais, fazendo com que o documentário e o filme de ficção sejam separados por uma linha cada vez mais tênue”. E é aqui que esta pesquisa concentra o seu cerne, na convergência das linguagens para o aprimoramento do resultado final dos filmes. “[...] os filmes de ficção têm recorrido significativamente a temas e linguagens próprios do documentário, enquanto os documentários têm buscado de forma crescente a representação ficcional ou subjetiva para expressar a ‘verdade’” (LUCENA, 2012, p. 12).

O filme americano *Nomadland* (2020), dirigido por Chloé Zhao, possui aspectos muito significativos dos filmes documentários dentro de sua montagem e consequente narrativa fílmica. No tópico a seguir, serão destacados tais aspectos a partir de três cenas selecionadas do filme.

### **Análise de cenas do filme *Nomadland***

*Nomadland* é um longa-metragem norte-americano de 2020 dirigido por Chloé Zhao, diretora, roteirista, produtora e editora chinesa. O filme possui duração de uma hora, quarenta e sete minutos e trinta e seis segundos e foi inspirado no livro de não ficção “*Nomadland: Surviving America in the 21st Century*”, escrito pela jornalista norte-americana Jessica

Bruder. O livro aborda a vida dos nômades<sup>5</sup>, pessoas que deixaram de habitar em residências fixas, devido às questões financeiras ou não, para viverem em vans ou trailers pelas estradas dos Estados Unidos da América. De acordo com a sinopse do filme, “após o colapso econômico de uma cidade na zona rural de Nevada, nos Estados Unidos, Fern (Frances McDormand), uma mulher de 60 anos, entra em sua van e parte para a estrada, vivendo uma vida fora da sociedade convencional como uma nômade moderna”. O filme foi indicado a diversas premiações, ganhando até o mesmo o Oscar de melhor filme no ano de 2021.

O que chama atenção no longa é a forma pela qual ele percorre sua narrativa fílmica, utilizando tópicos pontuais dos filmes de não ficção (documentários). A seguir, serão analisadas algumas cenas que compõem o filme e que demonstram tais características. Para estabelecer a metodologia, foram desenvolvidas três categorias para a observação das cenas: **Interação com ambientes reais; Interação com personalidades reais e Interação com relatos verídicos**. Para cada uma dessas categorias foram dispostas duas cenas do filme, totalizando seis cenas. A partir daí, as imagens referentes às cenas foram trabalhadas de acordo com os autores e suas bibliografias utilizadas durante o texto. Procurou-se evidenciar suas relações com a linguagem documental.

### **Interação com ambientes reais**

Figura 1 – Cena 1



Figura 2 – Cena 2

---

<sup>5</sup> “A comunidade de nômades dos EUA é composta por pelo menos 1 milhão de pessoas que vivem em casas sobre quatro rodas em tempo integral, segundo dados da Indústria de Veículos Recreativos (conhecidos como RV na sigla em inglês e de todos os tipos de formas e tamanhos)” Estado de Minas (2021).



Fonte: Reprodução “Nomadland”, 2020.

Para obter renda e poder sanar suas despesas, Fern, personagem de Frances McDormand, encontra empregos provisórios pelas estradas que vagueia. Um deles é fornecido por uma das fábricas da Amazon – empresa multinacional de tecnologia norte-americana – através de um programa especial real desenvolvido por ela e destinado a pessoas que moram em veículos. As cenas foram realmente gravadas em uma das fábricas da Amazon, tendo McDormand contracenado com utensílios e equipamentos reais do local – como se vê na figura/cena 2. Essa característica de utilização de “ambientações realistas”, proposta por Lucena (2012), evidencia a proximidade das cenas com a linguagem documental. Na figura/cena 1, foi capturada uma imagem ampla da fábrica por meio de um plano geral<sup>6</sup>. Nela, torna-se possível identificar a fábrica, bem como suas ferramentas e aparatos tecnológicos.

Por mais que outros filmes já tenham tido gravações externas em locações existentes no mundo real, estes não tiveram uma imersão tão grande quanto *Nomadland*. Frances McDormand estava, além de atuando como funcionária de um programa existente na Amazon, contracenando também com funcionários reais da empresa. As figuras/cenas da primeira categoria remontam uma ideia dos documentários existentes nas plataformas de streaming, tal como “*Indústria Americana*” (2019), com direção de Steven Bognar e Julia Reichert, presente na Netflix.

### **Interação com personalidades reais**

---

<sup>6</sup> "O plano mais comum é o plano geral (PG), que abrange todo o objeto da filmagem e também o ambiente onde ele se encontra." (Lucena, 2012, p. 50).

Figura 1 – Cena 1



Figura 2 – Cena 2



Fonte: Reprodução “Nomadland”, 2020.

A segunda categoria trata a questão de a atriz Frances McDormand ter contracenado com personalidades reais. Pessoas, não-atores, interpretando versões de si mesmos no filme. É o que se evidencia na figura/cena 1, onde observa-se Fern (McDormand) sentada em uma mesa no refeitório da fábrica (Amazon), cercada por diversos funcionários que compõem a equipe de trabalho do local. No capítulo anterior, constatou-se que, segundo Lucena (2012) “o documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios ‘sujeitos’ da ação [...]”. Entendendo que o filme contracena com indivíduos reais, e que o documentário, em sua essência, se baseia na realidade, pode-se afirmar que esta é uma das características ligadas à linguagem documental presente no filme *Nomadland*.

A figura/cena 2 reafirma o que foi dito no parágrafo anterior. Nela, observa-se Fern (Frances) contracenando com Angela (mulher ao seu lado vestindo uniforme da Amazon), que é uma das funcionárias que instruem e orientam os moradores de veículos no programa de trabalho destinado a eles. Na figura/cena em questão, Fern e Angela contracenam juntas e com o restante dos indivíduos ao redor da mesa. Angela mostra suas tatuagens e os significados dela para Fern. Histórias reais mescladas com a ficção, conforme dito por Lucena (2012) de que “nos últimos anos, essas duas categorias têm se misturado mais e mais, fazendo que o documentário e o filme de ficção sejam separados por uma linha cada vez mais tênue”.

### **Interação com relatos verídicos**

Figura 1 – Cena 1

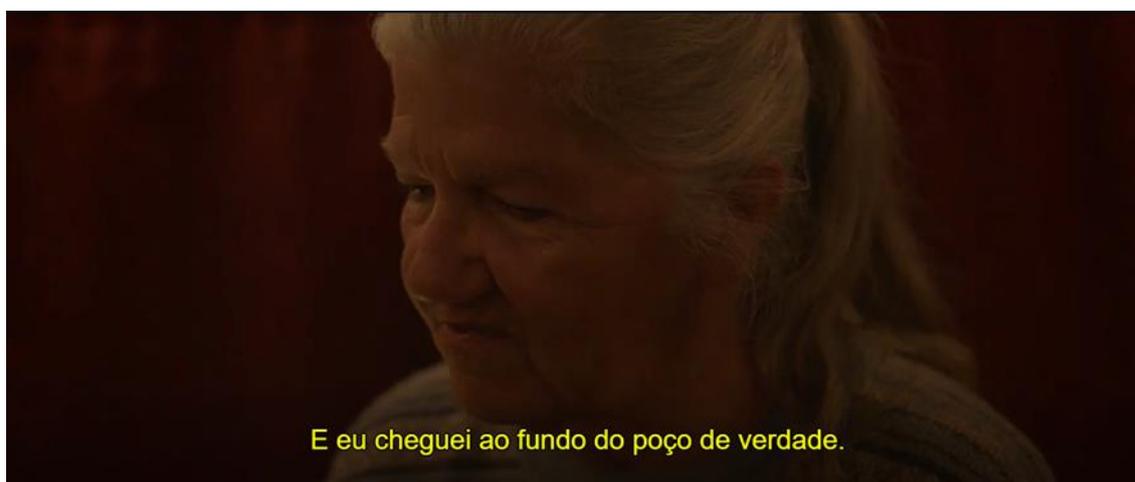


Figura 2 – Cena 2



Fonte: Reprodução “Nomadland”, 2020.

A terceira categoria relaciona-se também com a segunda, pois, ao longo do filme, inúmeros depoimentos e relatos verídicos de personalidades reais na condição de nômades integraram a narrativa fílmica. É o que se observa na figura/cena 1. Linda May (presente na cena) é uma mulher que vive realmente como nômade. No filme ela interpreta uma versão dela mesma como sendo melhor amiga da protagonista Fern (Frances McDormand). Nesta cena ela conta sua complicada história de vida, em que se viu sem renda suficiente para se manter durante a terceira idade – mesmo tendo trabalhado durante toda sua vida. Em uma fala retirada do filme, Linda diz: "Eu estava perto dos 62 (anos) e eu chequei meu benefício de seguro social online. E ele dizia: US\$ 550". Na figura/cena 2, nota-se a personagem de Linda May conversando com Fern, personagem de McDormand.

A fala coloca em voga uma problemática social existente entre os cidadãos de terceira idade dos Estados Unidos da América. Muitos idosos decidem “morar na estrada” – termo utilizado no filme – para não necessitarem ter tantos gastos ou estarem empregados em um só trabalho. Os documentários comumente abordam questões da sociedade em busca do reconhecimento destes e do levantamento de pautas e debates que possam auxiliar tais questões. É o que afirma Reina (2019, p. 173) quando diz que “os documentários atendem a uma demanda interessante dentro da perspectiva cinematográfica ao terem como principal objetivo mobilizar a reflexão do expectador sobre temas importantes de um contexto sociocultural bastante específico”.

A questão dos nômades se configura como uma temática específica dentro do cenário sociocultural, tendo em vista que pouco se fala sobre o assunto em filmes, séries e outros produtos da mídia audiovisual.

### **Considerações Finais**

Jamais em sua história a humanidade produziu tantas imagens, documentando em fotos e vídeos cenas da vida cotidiana. Já no início da década de 2010 estimava-se que a cada dois minutos tiravam-se mais fotos do que em todo o século 19 (HONORATO e SBARAI, 2012). De lá para cá, esses números cresceram exponencialmente. Impulsionada principalmente pelo avanço tecnológico, pela popularização de smartphones com câmeras acopladas e por redes sociais que se baseiam na publicação de fotos e vídeos, a produção de imagens passou de prática profissional a uma experiência de massa. Boa parte dessa produção

vai além da publicação amadora, alcançando veículos de comunicação nos campos do jornalismo, da publicidade e do cinema, dando projeção a registros de uma realidade que em outros tempos permaneceria em uma zona de sombra.

A linha que define o valor da produção amadora e profissional tornou-se mais tênue. É característica destes tempos líquidos (BAUMAN, 2001), em que tantas outras fronteiras vêm sendo apagadas. A intersecção entre cinema de ficção e documental, objeto deste estudo, também constitui esta nova realidade. O que se constata, então, é que mais e mais narrativas do cotidiano ganham destaque. Mas não se trata apenas de avanço quantitativo. Em um cenário de tantos autores surgem oportunidades de experimentação, de criação de novas linguagens, de produção de discursos originais, e, portanto, de novas formas de conceber e apreender a realidade, conferindo maior visibilidade inclusive a questões sociais relevantes.

Estudos dessa natureza se mostram, assim, fundamentais, porque além de colocarem em cena discussões atuais no campo da comunicação, têm potencial para suscitar outras pesquisas que ajudem a compreender a contemporaneidade a partir dos inúmeros discursos que surgem neste ambiente de convergência.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CRONOLOGIA DO CINEMA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cronologia\\_do\\_cinema&oldid=55356293](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cronologia_do_cinema&oldid=55356293)>. Acesso em: 31 mai. 2019.

HONORATO, Renata; SBARAI, Rafael. Fotografia, o motor das redes sociais. In: **Revista Veja**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/fotografia-o-motor-das-redes-sociais/>> Acesso em 06 jun 2021.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

NOMADLAND. In: **AdoroCinema**, 2021. Disponível em: < Nomadland - Filme 2020 – AdoroCinema>. Acesso em 02 de junho de 2021.

'Nomadland': como é a vida de milhares de pessoas que vivem e viajam em trailers nos EUA. In: **Estado de Minas**, 2021. Disponível em: < 'Nomadland': como é a vida de milhares de

peças que vivem e viajam em trailers nos EUA - Internacional - Estado de Minas>. Acesso em 03 de junho de 2021.

Oscar 2021: 5 curiosidades sobre Nomadland, indicado a Melhor Roteiro Adaptado [LISTA]. In: **Rolling Stone**, 2021. Disponível em: <Oscar 2021: 5 curiosidades sobre Nomadland, indicado a Melhor Roteiro Adaptado [LISTA] · Rolling Stone (uol.com.br) >. Acesso em 03 de junho de 2021.

Oscar 2021: Na fronteira com documentário, Nomadland faz um retrato multifacetado da vida na estrada [REVIEW]. In: **Rolling Stone**, 2021. Disponível em: <Oscar 2021: Na fronteira com documentário, Nomadland faz um retrato multifacetado da vida na estrada [REVIEW] · Rolling Stone (uol.com.br) >. Acesso em 03 de junho de 2021.

Primeiro filme colorido é descoberto 110 anos após sua invenção. In: **G1**, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/09/primeiro-filme-colorido-e-descoberto-110-anos-apos-sua-invencao.html> >. Acesso em 03 de junho de 2021.

REINA, Alessandro. **Teorias do cinema**. Curitiba: Intersaberes, 2019.